



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS VI – POETA PINTO DO MONTEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS  
CURSO DE LETRAS – HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

**AYLLA HARYADNE DE OLIVEIRA ALVES**

**A DOR DE AMAR SOB O OLHAR DA PSICANÁLISE NO CONTO “AÇUCENA”  
DE MARÍLIA ARNAUD**

**MONTEIRO  
2015**

AYLLA HARYADNE DE OLIVEIRA ALVES

**A DOR DE AMAR SOB O OLHAR DA PSICANÁLISE NO CONTO “AÇUCENA”  
DE MARÍLIA ARNAUD**

Artigo apresentado ao curso de Letras/Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual da Paraíba, Campus VI, como requisito parcial para obtenção do título de Graduada em Letras

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Ms. Joana Dar’k Costa.

**MONTEIRO**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A474d Alves, Aylla Haryadne de Oliveira.  
A dor de amar sob o olhar da psicanálise no conto  
"Açucena" de Marília Arnaud [manuscrito] / Aylla Haryadne de  
Oliveira Alves. - 2015.  
47 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras  
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Ciências Humanas e Exatas, 2021.  
"Orientação: Profa. Ma. Joana Dar'k Costa, Coordenação  
do Curso de Letras - CCHE."  
1. Luto patológico. 2. Marília Arnaud (Escritora paraibana).  
3. Açucena (Conto). 4. Dor de amar. 5. Morte. I. Título  
21. ed. CDD B869.3

AYLLA HARYADNE DE OLIVEIRA ALVES

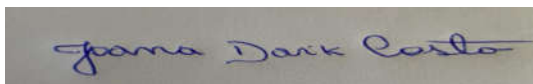
A DOR DE AMAR SOB O OLHAR DA PSICANÁLISE NO CONTO “AÇUCENA” DE  
MARÍLIA ARNAUD

Artigo apresentado ao curso de Letras/Língua Portuguesa, pela  
Universidade Estadual da Paraíba, Campus VI, como requisito  
parcial para obtenção do título de Graduada em Letras

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Ms. Joana Dar’k Costa.

Aprovada em: 03/12/2015.

**BANCA EXAMINADORA**



Prof<sup>a</sup>. Ms. Joana Dar’k Costa (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof<sup>a</sup>. Esp. Josefa Adriana Gregório de Souza  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu Deus, meu alicerce. Minha família e a meu pai José Jacó (in memoriam), DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

A emoção agora se faz presente, a busca pelas palavras mais belas também. Por quanto tempo esperei para poder expressar a alegria e a gratidão que agora sinto pela finalização de um trabalho que trouxe consigo uma ansiedade imensa e uma esperança infindável. Hoje posso afirmar que superei limites, que gastei tempo pensando, tentando e recomeçando incontáveis vezes. A força de vontade, o amor pelo que faço e a fé me fizeram crescer e acreditar que seria capaz.

É com enorme satisfação e reconhecimento que agradeço a todos os meus que direta ou indiretamente contribuíram e compartilham deste momento de vitória. Agradeço primeiramente ao meu Deus por ter cuidado de mim com tamanho amor, por ter me feito uma mulher de fé durante toda esta trajetória segurando em minha mão em meio às tempestades que permearam todo o meu percurso e por ter me conduzido com seu espírito santo até o final. Agradeço-te a Ti Jesus por teres sido a minha luz, repleta de misericórdia e amor e por ter me feito uma vencedora. Sem Ti não teria seguido em frente. Obrigada mais uma vez por não ter permitido que eu fraquejasse, mas sim que eu persistisse até o fim. Hoje celebro minha vitória que também é Tua. O meu coração está em festa e o meu ser se inunda de alegria e fé! Agradeço também a Ti minha tão amada mãezinha do céu, Maria que me acalentou e me colocou em seus braços como uma filha nos momentos de desesperanças vivenciados e por ter me feito sentir seu verdadeiro amor de mãe.

Ao meu tesouro e minha estrutura: minha família por terem me acompanhado com tanto amor, atenção e cuidado mais uma fase de minha vida. Ao meu avô e pai José Francisco Alves, (in memoriam) meu José preferido, minha rocha, meu espelho, meu alicerce. Seu amor foi essencial para que pudesse celebrar com imensa alegria mais um objetivo alcançado. Sem ti não teria me tornado o que sou hoje.

Aos meus pais, minha mãe Alba Lúcia e meu pai José Ailton por toda ajuda a mim concedida, por todos os conselhos e aprendizados, a minha irmã Aysla Haryadne pela paciência e pela torcida de todos os dias. As minhas tias e mães, a minhas avós e mães por me apoiarem, me incentivarem e por reconhecerem em mim uma mulher de força e garra. Sou imensamente grata pela certeza de ter o amor de vocês. Eu as amo.

Ao meu noivo, Rubio Celso que me acompanhou desde o começo de tudo, pelo companheirismo, por ter me ajudado sempre que precisei nos dias difíceis e principalmente por ter acreditado em mim. Seu amor foi essencial para que hoje pudesse estar aqui, escrevendo e celebrando mais uma vitória alcançada em minha vida. Te amo!

Aos meus amigos e conhecidos por torcerem por mim e aos colegas de faculdade por toda a alegria vivenciada durante nossas tardes.

A minha eterna orientadora e amiga Joana Dar'k por primeiramente ter despertado em mim a paixão pela psicologia e por ter acreditado no meu potencial. Sem dúvidas agradeço a Deus por ter colocado em minha vida uma pessoa encantadora, que mais do que professora foi uma amiga. Agradeço por ter me ajudado a controlar minha ansiedade, pelo aprendizado, pelos conselhos e principalmente pelo ser incomparável que foi para mim. Palavras não podem descrever a tamanha gratidão que sinto bem como a tamanha admiração. Saiba que a nova etapa que irá se iniciar em minha vida jamais apagará em minha memória tudo o que representou e representa para mim. Você me ensinou muito em todos os aspectos diante de todas as circunstâncias e da forma mais bela: com amor. Tenho certeza que ainda ouvirá falar da sua aluna e futura psicóloga.

A todos os professores que fizeram parte da minha vida acadêmica que através de seus ensinamentos me ajudaram a crescer profissionalmente e pessoalmente, em especial a Joana Dar'K, Adriana Gregório e Marcelo Medeiros, seres de uma inteligência inenarrável. Obrigada pelos puxões de orelha. Hoje carrego um pouco de vocês comigo.

E não poderia deixar de agradecer a família que Deus me deu, meus irmãos e pais de coração, meus anjos de luz que conquistaram e que conquistam a cada dia o meu coração.

Hoje, desejo que o tempo que estar por vir me permita vivenciar milhares de acontecimentos repletos de aprendizado e alegria. Que a vida me permita enxergar além do que posso ver ou tocar. Que meu coração permita-me amar sempre, a quem for ou o que for. Que eu olhe para trás e sinta orgulho e uma doce saudade de tudo que vivi e que eu possa através dos ensinamentos adquiridos amar e formar cidadãos que levem o amor consigo onde forem.

### **O Maior Bem**

Este querer-te bem sem me quereres,  
Este sofrer por ti constantemente,  
Andar atrás de ti sem tu me veres  
Faria piedade a toda a gente.

Mesmo a beijar-me a tua boca mente...  
Quantos sangrentos beijos de mulheres  
Pousa na minha a tua boca ardente,  
E quanto engano nos seus vãos dizeres!...

Mas que me importa a mim que me não queiras,  
Se esta pena, esta dor, estas canseiras,  
Este mísero pungir, árduo e profundo,

Do teu frio desamor, dos teus desdéns,  
É, na vida, o mais alto dos meus bens?  
É tudo quanto eu tenho neste mundo?

**Florbela Espanca**, em "*A Mensageira das Violetas*"



## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a luz da psicanálise a dor de amar e de perder o ser amado na obra literária “Açucena” da escritora paraibana Marília Arnaud. A trama apresenta como personagens: o narrador que vivencia uma paixão ardente por sua namorada e a personagem Açucena. Nossa finalidade é acompanhar a experiência dolorosa do personagem masculino bem como as estratégias produzidas por ele no processo de elaboração da perda. Para tanto, fundamentamo-nos na abordagem psicanalítica, mais especificamente, nos autores que se debruçaram sobre essa temática: Sigmund Freud (1996), Juan-David Nasio (1997) e Igor Caruso (1984), dentre outros estudiosos que estudaram acerca da dor de amar, bem como do conseqüente processo de luto. De acordo com a Psicanálise o processo de luto é uma reconstrução e uma reorganização diante da morte ou perda de algo estimado. Na trama o personagem vivencia a dor de amar de forma intensa e dolorosa, por amar de forma obsessiva sua namorada Açucena que não corresponde ao seu amor com a mesma intensidade. É nesse contexto que ele desenvolve comportamentos violentos por constatar que estava perdendo sua amada. Essa experiência dolorosa, ocasionada diante da possível separação dos dois faz com que o protagonista não supere a perda, desenvolvendo uma espécie de luto patológico que ocasiona a morte de sua amada, a qual foi assassinada por ele. O processo vivenciado por ele desencadeia uma dor psíquica imensa que dilacerava seu ser e o fazia desenvolver comportamentos e pensamentos cruéis relacionados a sua namorada que já não o amava como antes.

**Palavras-chave:** Luto Patológico. Dor de Amar. Separação. Morte.

## RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo analizar a la luz del psicoanálisis el dolor de amar y perder un ser querido en la obra literaria "Azucena" de la escritora paraibana, Marilia Arnaud. La trama presenta cómo los personajes: el narrador que experimenta una pasión ardiente por su novia y el personaje "Azucena". Nuestro intento es acompañar la experiencia dolorosa del personaje masculino y las estrategias producidas por él en el proceso de elaboración de las pérdidas. Por lo tanto, nos basamos en el enfoque psicoanalítico, más específicamente, en los autores que han estudiado este tema: Sigmund Freud (1996), Juan-David Nasio (1997) e Igor Caruso (1984), entre otros estudiosos que se han dedicado al análisis del dolor del amor y el consiguiente proceso de luto. Según el psicoanálisis, el proceso de luto es una reconstrucción y una reorganización delante de una muerte o pérdida de algo estimado. En la trama el personaje experimenta el dolor de amar intensamente y dolorosamente, por amar obsesivamente su novia Azucena que no le corresponde a su amor con la misma intensidad. Es en este contexto que él desarrolla una conducta violenta al señalar que estaba perdiendo su amada. Esta experiencia dolorosa, causada ante la posible separación de los dos hace que el protagonista no supere la pérdida, el desarrollo de una especie de luto patológico que causa la muerte de su amada, que fue asesinada por él. El proceso vivido por él desencadena un inmenso dolor psíquico que desgarró su ser y le hizo desarrollar comportamientos crueles y pensamientos relacionados con su novia que ya no lo amaba como antes.

**Palabras clave:** El duelo patológico. Dolor de amor. Separación. Muerte.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>CAPITULO I</b> .....	13
<b>A DOR DE AMAR SOB O OLHAR DA PSICANÁLISE</b> .....	13
<b>1.1 O Amor: essência da vida</b> .....	14
<b>1.2 Sobre a dor de perder o ser amado</b> .....	17
<b>1.3 O luto patológico</b> .....	22
<b>CAPITULO II</b> .....	26
<b>AÇUCENA: A FLOR DO AMOR E DA DOR</b> .....	26
<b>2.1 Considerações sobre a obra</b> .....	27
<b>2.2 “Tristeza não tem Fim, Felicidade Sim”</b> .....	32
<b>2.3 O Processo de elaboração de um luto: tudo se transforma em dor.</b> .....	36
<b>2.4 O Luto Patológico: a morte em vida</b> .....	39
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	44
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	47

## INTRODUÇÃO

Sigmund Freud, desde o surgimento da teoria psicanalítica, percebeu a importância da relação entre a Psicanálise e a Literatura. O psicanalista se apoiou em textos literários para desenvolver seus estudos teóricos, ampliando seus conhecimentos sobre a psique humana através de análises dos conflitos psíquicos vivenciados por personagens de obras literárias.

Freud, em seus escritos, destacou o papel importante de obras literárias para a compreensão de fenômenos psicológicos humanos. Para ele, a arte pode ser analisada como forma de manifestação do inconsciente, já que as criações artísticas podem ser analisadas como estratégias de manifestações e elucidações do lado obscuro da nossa mente. Confirmando esse pensamento, Massaud Moisés (2003) defende que a psicanálise analisa a alma humana, sendo ela uma expressão do que está na alma do artista.

Nessa perspectiva, podemos perceber que Freud encontrava na literatura elementos significativos no que diz respeito aos dramas humanos e ao sofrimento psíquico, por isso dialogava com escritores.

Fazendo uma leitura da relação entre esses dois campos de conhecimentos, Luzes (2001), ressalta que as obras literárias ocupam um lugar relevante em estudos de teóricos freudianos, já que o próprio Freud as utilizava em suas análises quando percebia que o que se passava na vida de indivíduos também se fazia presente na ficção.

Atualmente, a Literatura permanece sendo um campo propício para analisarmos a mente humana, pois é um instrumento de reflexão sobre a vida e os conflitos contidos nela. Por essa razão, a relação Psicologia e Literatura vem sendo trabalhada em pesquisas bibliográficas no universo acadêmico contribuindo para o enriquecimento da produção de conhecimento nesses dois campos. É através desta relação que surgiu a vontade de realizar um estudo de base psicanalítica tendo como corpus o conto literário “Açucena” (2005) de Marília Arnaud.

Defendemos ser importante o estudo da relação entre essas duas áreas de produção de conhecimento, por acreditarmos que a análise de uma obra literária, à luz da Psicanálise, por sua riqueza ao abordar as complexas relações humanas e o mundo psicológico, possibilita-nos fazer novas leituras sobre a existência humana.

É nesse contexto que pretendemos realizar esse estudo cujo objetivo geral é analisar, numa perspectiva psicanalítica, a dor de amar e de perder o ser amado no conto “Açucena” (2005), de Marília Arnaud. Marília Arnaud é escritora paraibana que se dedicou desde cedo à Literatura e vem se firmando no cenário da Literatura brasileira contemporânea. Publicou seu primeiro livro em 1987 (Sentimento Marginal – Crônicas). Em seguida vieram outros livros de contos e, em 2012, estreou como romancista com o livro Suíte de Silêncios. Ao trabalhar na mesma linha existencialista de Clarice Lispector, a referida escritora tem abordado temas relacionados aos conflitos existenciais e os dramas vivenciados pelos indivíduos em suas relações familiares e afetivas. No livro de contos intitulado “o Livro dos Afetos” a escritora em nove contos, tece tramas sobre relações de afeto, enfocando o amor e suas contrapartidas (ódio, traição, ciúme, violência).

No conto Açucena (livro dos Afetos) que escolhemos para realizar esse estudo, Marília Arnaud apresenta uma trama na qual o personagem ama profundamente sua amada, mas, ao perceber que ela não mais o amava com a mesma intensidade, começa a vivenciar um martírio sem fim, martírio que desencadeia nele um sofrimento e angústia imensos por pensar na possibilidade de perdê-la. O personagem, ao perceber que não iria suportar o sofrimento de ter que conviver com a indiferença da mulher que ama decide matá-la fisicamente, como forma de cessar a tortura em que vivia.

A narrativa em seu decorrer apresenta um personagem marcado pelo egocentrismo e pelo um forte ciúme, contudo também apresenta a personagem Açucena como uma mulher que ignora as objeções do seu companheiro envolvendo-se nesse sentido não mais com ele, mas com a escrita de poesias, momento no qual sente-se livre e realizada.

Podemos destacar, embora não seja objeto desse estudo, que a trama também gira em torno de uma temática que pode ser analisada de acordo com os estudos referente as questões de gênero. Ela se desenvolve a partir dos descaminhos e desafetos percorridos e evidenciados pelo personagem, visto que ele apresentava comportamentos violentos com o objetivo de inferiorizar Açucena, através de ofensas e atos violentos físicos, pois constatava que ela poderia viver sem ele. É nesse contexto que a trama torna-se extremamente atrativa e envolvente.

Na realização do estudo, utilizamos como ferramentas teóricas as análises Freudianas acerca da dor de amar e não ser amado, enfocando também os estudos

dos psicanalistas Erick Fromm (1997), Igor A. Caruso (1984) e Juan-David Nasio (1997), teóricos, que à luz da Psicanálise, aprofundaram a discussão acerca da dor de amar, bem como do processo de elaboração da perda do objeto perdido.

Considerando nosso objeto de estudo, formulamos a seguinte questão: Com que finalidade o personagem mata fisicamente a mulher amada?

Como possíveis respostas para o problema apresentado, lançamos as seguintes hipóteses:

- O personagem mata fisicamente a ex-namorada para vingar-se por ela não amá-lo ao mesmo tempo em que inconscientemente sabe que é menos sofredor vê-la morta do que em braços de outro alguém.
- O ato de provocar a morte física significa o fracasso vivido pelo personagem em seu processo de luto e de elaboração da perda, fato que leva o personagem a matar fisicamente o ser amado para que finalmente consiga concretizar a morte simbólica dentro de si.

Com base nas hipóteses apresentadas, nosso objetivo principal foi analisar, numa perspectiva psicanalítica, a dor de amar e de perder o ser amado no conto “Açucena” (2005), de Marília Arnaud.

O estudo em questão se desdobra em dois capítulos: no primeiro capítulo realiza-se uma apresentação dos referenciais teóricos que nortearam a nossa pesquisa sobre a dor de amar, priorizando os escritos de Freud, Fromm, J. D. Násio, Caruso, dentre outros acerca do referido assunto, bem como da dor da perda e do processo de elaboração de luto.

No segundo capítulo iniciamos uma apresentação da obra com sua análise literária. Em seguida analisamos o processo vivenciado pelo personagem, na obra Açucena, sob uma perspectiva psicanalítica, com o objetivo de compreender os conflitos existenciais e emocionais vivenciados pelo personagem enfatizando o embate que ele vivencia frente à dor de perder o ser que ama.

Nas considerações finais, considerando todo o estudo realizado, reiteramos nossa análise referente à dor de amar, evidenciando a trama analisada e evidenciamos também as contribuições da realização deste trabalho para a nossa vida pessoal e profissional.

**CAPITULO I**  
**A DOR DE AMAR SOB O OLHAR DA PSICANÁLISE**

*O amor é uma espera e a dor a ruptura  
súbita e imprevisível dessa espera.*  
J.D. Nasio

## 1.1 O Amor: essência da vida

*Quem nada conhece, nada ama. Quem nada pode fazer, nada compreende. Quem nada compreende, nada vale. Mas quem compreende também ama, observa, vê... Quanto mais conhecimento houver inerente numa coisa, tanto maior o amor...*

*Igor Caruso*

Neste capítulo iremos abordar teoricamente sobre o amor com base em psicanalistas que se debruçaram sobre essa temática, enfocando de forma mais específica o tema da dor de amar, a dor de perder o ser amado e o processo de elaboração do luto para superação da perda.

Para Marina Colasanti (1986), o amor é um sentimento de bem querer imenso, o qual é gerado pelo desejo e pela necessidade. Para alguns sentir o amor é vivenciar uma experiência reconfortante, para outros é vivenciar uma experiência traumática. Mas seja o amor experimentado através da dor ou do prazer, a prática de amar não pode deixar de ser vivenciada pelo ser humano, tendo em vista que a necessidade de amar e ser amado é inerente a condição humana. Para a autora há várias formas de amor e essas formas estão entrelaçadas com as diferentes culturas, ou seja, cada cultura produz uma nova forma de amar. Dessa forma “o amor não é rei, obedece às necessidades sociais, e se modifica de acordo com as exigências econômicas, geográficas, ou impostas pela guerra” (COLASANTI, 1986 p.19).

Em seu trabalho “A arte de amar” (1997), Erick Fromm, psicanalista, aborda sobre o que é o amor, como alcançá-lo e como superá-lo. De acordo com suas análises o amor só pode ser atingido se o ser humano se sentir capaz de amar o próximo, com humildade, coragem, fé e disciplina.

Para Fromm, quando duas pessoas se relacionam, elas compartilham o bem mais precioso que existe, a sua própria vida: alegria, tristeza, medo, angústia, vitórias, fracassos, conflitos e seu modo de ser. Nesse sentido ambos compartilham do que possuem de vivo dentro de si, elas são gratas uma pela vida da outra. O amor nessa situação é uma força impulsionadora de vida. Mas ainda sim necessita de cuidado, responsabilidade, respeito e conhecimento.

Fromm refere-se à cultura atual como aquela que priva as qualidades no homem, qualidades relacionadas a forma de viver acomodada que ele se encontra.



Na sua visão, amar o outro, vem tornando-se uma conquista cada vez mais rara devido à falta de importância que o amor possui atualmente.

Para esse teórico, as pessoas parecem necessitar serem mais amadas do que amar, dessa forma o problema maior consiste em como serem amadas, em como serem amáveis e para alcançar esse desejo utilizam-se do sucesso, do poder e da riqueza que a sua posição social lhes permite ter. Ser amável hoje significa ser popular e atraente. O ser humano pensa que amar é simples, o que realmente é difícil é encontrar o objeto certo para amar ou para ser amado e quando ele é encontrado deve-se amá-lo incondicionalmente.

De acordo com o referido autor atualmente as pessoas mantêm a ideia de que nada existe para ser aprendido a respeito do amor, pensa-se que o amor resume-se a experiência de apaixonar-se e de permanecer apaixonado. Quando duas pessoas tornam-se conhecidas, a intimidade perde cada vez mais sua essência, as decepções e o antagonismo nesse momento acabam por matar toda a sensação de excitação inicial que eles mantinham entre si. Contudo no início do relacionamento o casal não tem conhecimento de tal fato, apenas tornam-se cada vez mais apaixonados, a loucura que sentem um pelo outro como prova de amor apenas provocará posteriormente um grau de elevada solidão.

Nessa perspectiva, ele afirma que o primeiro passo a dar é ter consciência de que o amor é uma arte, assim como viver é uma arte. Dessa forma, se há a necessidade no ser humano de aprender como se ama, deve-se aprender da mesma forma que amar exige um rigoroso esforço. É diante desse trabalho que ressalta-se a importância de que nada mais deve existir de mais importante no mundo do que a arte de amar, apesar de muitas pessoas terem em mente de que nenhuma energia deve ser utilizada ou dedicada para aprendê-la, mas sim para obter sucesso, prestígio, dinheiro e poder.

No que se refere à separação, Fromm (1997), ressalta que esta experiência desperta uma forte ansiedade no homem. Separar-se de algo significa ser cortado sem poder ao menos interferir. Separar-se de algo estimado é o mesmo que ser desamparado, incapaz de apreender o mundo, as coisas, as pessoas. Significa que o mundo no qual estamos imersos pode nos invadir sem que ao menos possamos reagir. Compreende-se que a mais profunda e maior necessidade do ser humano consiste em superar sua separação, se esse objetivo falha o ser se sente louco e em pânico ao ver-se isolado. Um dos refúgios para tentar superar a separação está no

consumo de álcool e entorpecentes. Acontece que após o consumo o indivíduo se sente ainda mais desamparado quando os efeitos das drogas passam.

Ainda segundo o mesmo autor um dos fatores contribuintes no que se refere ao declínio das relações amorosas que o homem vivencia está relacionado à conformidade em que a sociedade encontra-se hoje. A rotina mecanizada e exaustiva em que ela se encontra está tornando-o tão acomodado que ele esquece de que a ele só é dada uma oportunidade única de viver, ainda que com esperanças, decepções, tristezas e temores.

Na percepção da Psicanalista Maria Rita Kehl (1987), nenhum ser humano está protegido contra as frustrações de que a vida é constituída. Quando algo frustra a criança, criança essa que ainda conservava a fantasia de seus primeiros meses de vida, ela passa a se sentir parte do mundo externo, mundo em que ela é boa e o mundo é mau (mundo do narcisismo).

A criança dessa forma passa a sentir amor por um objeto fora de si mesma, objeto que a satisfaz, mas que também a insatisfaz e a frustra. O amado e odiado passam a ser um só. Esta ambivalência nos acompanha por toda a vida, ambivalência que faz parte das relações amorosas, já que todo o objeto que satisfaz também frustra. Nesse contexto o absoluto não se recupera mais.

Se o desejo pudesse ele nos conduziria de volta a fusão total com o amado, mas não pode, pois a realidade nos obriga a trocar o absoluto em troca de outras satisfações não absolutas que podemos obter ao longo da vida. Ou seja: a realidade é inimiga da satisfação absoluta do desejo, ela nos ensina a trilhar caminhos para a vida e para o amor em troca do abandono. É justamente entre tudo que se quer e aquilo que se pode ter que o desejo se movimenta e não cessa enquanto a vida não cessar. Assim, não existe objeto que satisfaça o desejo por inteiro, dessa maneira ele renasce sem parar. Dessa forma, a vida é um movimento no qual se busca incessantemente noutro lugar o absoluto das representações de perfeição.

Para a Psicanalista é de acordo com as situações vividas pela criança quando pequena em seus primeiros contatos com as demandas pulsionais, que ela revive em suas paixões amorosas situações de buscas benéficas com relação ao amado. A criança, torna-se adulta e agora apaixonada tem a esperança de encontrar no ser amado a sua total completude. Aquele ser que cujos desejos são compatíveis com os seus. Nesse sentido passa a carregar a ilusão de que será salva de sua condição

solitária, ela ao se deparar e sofrer diante das primeiras ilusões, instaurará o amor como busca incessante em sua vida.

No início de uma relação amorosa a existência do outro não é vista por completo, uma vez que são depositadas nele fantasias. Ele torna-se um ser que pode restaurar o narcisismo ferido se desejar as mesmas coisas que o ser que ama e resgatá-lo da condição de falta em que se encontra, condição esta da própria vida humana.

Passado o momento de felicidade plena, a paixão passa a conviver com a decepção, pois o outro não pode estar sempre, um não pode dar tudo e nem o outro pode dar tudo a ele. A realidade se faz presente entre os dois que tentavam ser apenas um, ela mais uma vez revela a falta que sempre existirá em uma relação. E é através dessa decepção que o amor pode nascer, pois o outro passa a ter vida própria, mas se ele se desencanta mais uma vez, ele pode escolher a morte, já que mesmo apaixonado não se aceitou como um ser incompleto.

O mundo desolado ocasionado pela perda do ser amado de quem o apaixonado depende de maneira completa pode transformar a existência do ser que ama. Ele pode perceber que consegue suportar a desilusão, mas também pode preferir a morte, a sua morte ou a morte do outro. Esta morte pode revelar-se como a outra face do princípio do prazer, no momento em que ele não consegue se associar ao princípio de realidade (KEHL, 1987).

## 1.2 Sobre a dor de perder o ser amado

*Quando se perde um ser amado, a reação mais natural é identificar-se com ele, substituí-lo, por assim dizer, a partir de dentro.*

*Sigmund Freud*

O psicanalista Igor Caruso (1984), estuda um tema pouco abordado no que concerne aos estudos psicanalíticos: a separação em vida de dois seres que se amam, uma das dores mais difíceis de suportar, segundo ele. Por ser a dor separação um tema bastante comum, mas pouco estudado, o pesquisador decidiu analisá-lo mais profundamente. Para Caruso (1984), a separação é um problema de morte entre os vivos, já que significa a morte na consciência humana. O amante terá

de aceitar a morte simbólica do ser amado em sua consciência, mas sobretudo a sua própria morte na consciência do outro.

De acordo com Caruso (1984), em uma relação amorosa há a fusão das identidades dos seres amantes, já que compartilham do mesmo mundo, das mesmas atividades, prazeres e gostos, além das formas de pensar, etc., nesse contexto as duas pessoas encontram-se fundidas em uma só, de maneira que quando ocorre o processo de separação, há a conseqüente perda da própria identidade que origina uma ameaça ao Ego.

O eu se sente abandonado por uma parte de si que o integrava, parte esta levada com o ser amado que mesmo ausente ainda permanece presente de alguma forma dentro do indivíduo que luta para reencontrar-se. Nesse sentido, o processo de luto significa a reconstrução da identidade perdida diante da separação. Neste processo ocorrerá o afastamento entre a imagem do eu e a do objeto amado, agora perdido. A passagem pelo referido processo com êxito será imprescindível para que a elaboração da perda e a retomada da vida sejam possíveis sem a presença do outro.

É nessa perspectiva que Caruso (1984), ressalta que a perda do objeto transforma-se na perda do Ego, sendo o luto uma defesa contra a perda dele. O luto na separação, para ele nada mais é que uma tentativa de defesa contra a negação e o vazio ocasionados pela perda já que o ser amado não era apenas um complemento, mas a própria identidade de quem amava.

Ainda no que se refere à separação, o teórico ressalta que ela é uma manifestação simbólica do complexo de morte e que apesar de dolorosa é necessária. O desaparecimento do outro na consciência é uma sentença de morte. Cada amante implora um ao outro para que não sejam esquecidos. Enquanto um morre, o outro vive, isto é, sobrevive, mesmo que esteja sofrendo a mesma morte. Quanto mais ele sobrevive, mais cruelmente o ser morre. Nesse sentido torna-se perceptível que toda separação traz consigo o desejo de morte, referente ao outro ou a si mesmo.

O Ego pode desejar ao outro o que existe de melhor, mas sofre, pois, o outro se encontra satisfeito independente de sua presença. Dessa forma o eu sente dor por constatar que o seu amado está feliz e independente.

Segundo Caruso (1984), o luto afeta o Ego, que sofrido, tende a dirigir sua agressividade para o exterior, compreende-se que o ser já não sofre mais por causa

do amante, mas sim por causa de seu ego. A aceitação da ausência significa deixar o amante morrer, a desvalorização e morte do ausente produz agressividade ao mesmo tempo que uma idealização do amado, essa idealização surge em consequência da lógica interna de elaboração do luto.

No momento da separação o amante separado não possui consciência do que sente e do que manifesta através de sua decepção para com o seu amado bem como quando o transforma em um objeto venerado. O ser ao desvalorizar o ser amado apesar de não ter consciência, procura se defender de uma idealização que cada vez mais vem tornando-se perigosa.

Com a separação, segundo o autor vem a desidentificação que consiste em matar na consciência o ser amado e ausente. Sua imagem além de ser substituída por outros ideais, torna-se reduzida a uma ideia, ou seja a uma idealização sem compromisso. Deve-se matar a imagem do amado e substituí-la por outros ideais, é preciso e necessário que se continue vivendo, para que dessa forma o Ego continue a viver. Em uma sociedade extremamente individualista, competitiva e opressora, quando no homem ocorre a catástrofe do Ego, ele se vê abandonado as suas próprias forças, isto é, torna-se um ser alienado.

É nesse sentido que Caruso (1984), ressalta que o trabalho de luto ocorre sob a influência da realidade, pois exige da pessoa separada e desolada que ela se separe de seu objeto de amor, já que ele não existe mais. No luto deve efetuar-se a tarefa de retirada do objeto em todas as situações em que ele foi elevado. A separação é uma ameaça para a vida, pois trata-se de uma catástrofe para o Ego, que por sua vez identifica-se com o objeto, nesse sentido, toda separação é acompanhada por uma angústia de morte.

Toda união cria uma fantasia individual, na qual um membro, isto é um dos amantes é aparentemente mais amante, mais apaixonado e o outro menos amante, contudo não significa dizer que o ser que ama mais irá sofrer no processo de luto por mais tempo, às vezes esse amor que se sente pelo outro significa mais amor a si próprio.

É sabido de acordo com o que foi explicitado que na elaboração da separação existe o processo de indiferença, essa indiferença na elaboração do luto, consiste na inibição do afeto, que de acordo com Freud surge quando o Ego encontra-se envolvido em uma tarefa psíquica extremamente difícil no momento em que se ocorre o luto. Ressalta-se dessa forma que o luto, a supressão dos afetos, a

agressividade, a indiferença, são características presentes na elaboração da separação.

Seguindo a mesma linha de pensamento sobre a temática em questão Nasio em seu trabalho: “O livro da dor e do amor”, (2007) diz que na vida tentamos evitar a infelicidade amando, muitos tomam o amor como uma concepção de vida, afirmando que a alegria que sente-se vem de amar o ser amado pois não há nada mais natural que amar o outro para evitar um conflito: amar, ser amado e afastar o mal, no entanto Freud ressalta: “Nunca estamos tão mal protegidos contra o sofrimento como quando amamos, nunca estamos tão irremediavelmente infelizes como quando perdemos a pessoa amada ou o seu amor.” (FREUD apud NASIO, 1997, p. 27).

Como já explicitado, diante da perda do objeto amado o eu ao concentrar suas forças na representação do ser amado não compreende a ausência daquele que se foi, dessa forma ele sofre e torna-se indiferente diante do mundo exterior que o cerca. É nesse sentido que o trabalho de luto significa justamente o desinvestimento do ser que se foi. Para que esse trabalho seja realizado é necessário que o eu se desfaça aos poucos da imagem do amado perdido. Para Násio:

O eu ama o objeto que continua a viver nele, ele o ama como nunca o amara, e, no mesmo momento, sabe que esse objeto não voltará mais. O que dói não é perder o ser amado, mas continuar a amá-lo mais do que nunca, mesmo sabendo-o irremediavelmente perdido. Amor e saber se separam. O eu fica esquartejado entre um surdo amor interior que faz o ser desaparecido reviver e a certeza de uma ausência incontestável.” (NASIO, 1997 p. 42).

Diante do exposto o eu ao negar a ausência do outro, se rebela contra a realidade se recusando a aceitar a inexistência do ser amado, pois mesmo que ele já não mais exista, é ele que satisfaz o eu ao mesmo tempo em que torna tolerável a insatisfação e o desejo. Nasio (1997), diz que ao longo de nossa existência estamos em total estado de carência, esta carência e vazio atizam o desejo, desejo que é sinônimo de vida. Se nossos desejos são insatisfeitos, significa dizer que estamos extremamente carentes. Esta carência que sentimos organiza o nosso desejo, se não houvesse carência que atrai a insatisfação o desejo se perturbaria e então só existiria dor. Dessa forma conclui-se que a insatisfação é necessária para podermos conservarmos a nossa consistência psíquica.

Em seu livro “Luto e Melancolia” (1996), Freud relaciona o amor à morte. Ele observa que a pessoa enlutada ignora o valor do ser desaparecido, para ele a

pessoa enlutada sabe quem perdeu, ao mesmo tempo que não sabe o que perdeu no momento da perda do seu amado. Segundo ele o amado é uma pessoa, mas principalmente uma parte ignorada e inconsciente de nós mesmos, se o eleito desaparece, nós desabamos.

De acordo com Nasio (1997), uma pessoa desperta a força do nosso desejo, posteriormente nos apegamos a essa pessoa e a incorporamos fazendo dela uma parte de nós mesmos. Nós a envolvemos com várias imagens carregadas de amor, de ódio, de angústia e em seguida fixamos estas imagens inconscientemente através de várias representações simbólicas ligadas a algo que nos marcou, todo esse conjunto de imagens e de significados de acordo com o psicanalista chama-se fantasia do eleito.

A pessoa amada passa a viver no nosso interior como um objeto fantasiado que desperta nosso desejo, tornando-o insatisfeito, isto é, amamos o ser que mais nos insatisfaz, essa insatisfação por exemplo revela-se na vida cotidiana do casal no momento em que existem os descontentamentos de um com o outro, daí a existência das queixas e das acusações.

Nessa perspectiva o eleito é absolutamente necessário para que minhas excitações sustentem o meu desejo bem como minha fantasia. Ao amarmos, amamos ao mesmo tempo uma pessoa com a qual mantemos convivência no exterior e uma pessoa fantasiada e inconsciente em nós. É devido a todo este amor que se o outro desaparecer o eu sofre uma dor daquele que foi para mim o meu eleito fantasiado.

O referido psicanalista ressalta inúmeras vezes em sua obra que a dor de amar é gerada pela valorização excessiva da representação do amado, sendo a dor psíquica a expressão sensível de uma superestimação do objeto amado representado.

Toda a libido que o eu investia no objeto amado, volta para ele depois de seu desaparecimento ou de sua morte. Esse objeto amado e perdido não se trata da pessoa do outro em si, mas de sua representação bem como de sua imagem no inconsciente do eu. Quem recebia os investimentos do eu não era a pessoa amada, mas as representações dela mantidas no ser, essas representações são realizadas a partir de coisas inconscientes relacionadas ao ser amado que encontra-se desaparecido.

Freud (1996), deixa claro que o luto é a reação à perda de um objeto estimado pelo eu, esse objeto não é um objeto qualquer, mas sim um objeto que amamos imensamente, pois foi escolhido e eleito por nós.

Com o desaparecimento da pessoa amada que foi meu eleito e de quem eu era o eleito perde-se não só a pessoa, mas o lugar de objeto imaginário que o eu ocupava nele. Com sua morte ou perda em vida, perco a imagem de mim mesmo que ele me permitia amar, a primeira coisa que se perde é o amor a mim mesmo que o outro me proporcionava. Nesse sentido o eu perde seu ideal, ou seja, o ideal do eu ligado ao amado desaparecido. Meu amado me dava suporte vivo para viver, ou seja, seu cheiro, sua presença, seu corpo, seu desejo. Dessa forma perde-se com o ser ausente a pulsão, o corpo pulsional, o objeto pulsional que dava consistência a minha imagem. Assim:

Realizar um luto significa, de fato, desinvestir pouco a pouco a representação saturada do amado perdido, para torná-la de novo conciliável com o conjunto da rede das representações egoicas. O luto não é nada mais do que uma lentíssima redistribuição da energia psíquica até então concentrada em uma única representação que era dominante e estranha ao eu. Compreende-se então que se esse trabalho de desinvestimento que deve seguir-se do outro não se cumprir, e se o eu ficar assim imobilizado em uma representação coagulada, o luto se eterniza em um estado crônico, que paralisa a vida da pessoa enlutada durante vários anos, ou até durante toda a sua existência. (NASIO, 1997 p. 29).

A partir dessa citação podemos dizer que a elaboração do luto é uma retomada de todos os detalhes do vínculo que me ligava ao ser amado e desaparecido. Cada lembrança é focalizada e delimitada de acordo com cada imagem ligada ao objeto perdido. Dessa forma há um investimento de energia psíquica na imagem permanente do ser amado e não no seu esquecimento “a pessoa enlutada se ponha à procura dos sinais e dos lugares associados ao morto e às vezes, a despeito de qualquer razão, imagine que pode fazê-lo reviver e reencontra-lo. (NASIO, 1997, p. 43). Para a obtenção de êxito no processo de luto se faz necessário que essa quantidade de energia psíquica seja disseminada em outras áreas para que dessa forma ocorra o desligamento do eu da imagem do ser perdido.

### **1.3 O luto patológico**



*O luto é uma luta permanente entre o amor  
que não cede o amado perdido, e uma força  
que nos destaca dele.*

*Sigmund Freud*

A dor da perda é dolorosa, mas não pode ser negada e suprimida, e sim vivenciada, processada para que o indivíduo possa reconstruir a sua identidade, fortalecer seu ego e voltar a vida. Caso a elaboração desse processo não seja vivenciada com êxito o indivíduo permanecerá ligado a imagem do ser amado e ausente, procurando de todas as formas mantê-la fixada em seu pensamento, sem admitir sua morte na consciência do outro. A esse processo, Freud denominou de luto patológico abalando a saúde mental do indivíduo e produzindo alguns transtornos patológicos.

O conto “Açucena” (2005) pode ser exemplo de uma possível consequência causada pelo processo de luto fracassado. Supomos que por não conseguir superar a perda da namorada, o personagem comete homicídio supondo que ao matá-la fisicamente estaria também exterminando-a de sua consciência (efetuando a morte simbólica do ser amado na sua mente).

O processo de luto é um fenômeno tão intenso e extremamente doloroso para o ser humano que segundo Caruso (1984), alguns amantes cometem suicídio para evitar a separação já que a mesma provoca no casal uma catástrofe única relacionada com a morte. Vemos que a separação daqueles que se amam em vida por tornar-se um acontecimento tão catastrófico o indivíduo não vê outra forma senão a de suicidar-se ou, no caso específico do conto em estudo, cometer homicídio, para que dessa forma possa de uma vez libertar-se do sofrimento e da dor causada pela dor da perda. Sobre o processo de elaboração de luto Juan-David Nasio (1997), ressalta:

Essa falha entre a presença vida do outro em mim e sua ausência real é uma clivagem tão insuportável que muitas vezes tendemos a reduzi-la, não moderando o amor, mas negando a ausência, rebelando contra a realidade da falta e recusando-nos a aceitar o desaparecimento definitivo do amado. Essa rebelião contra o destino, essa renegação da perda é algumas vezes tão tenaz que a pessoa enlutada quase enlouquece. (NASIO, 1997 p. 30-31)

Diante do exposto percebemos como é difícil o processo de vivenciar uma perda seja essa causada por morte ou pelo abandono e rejeição. Como vimos, segundo Caruso a dor da perda provocada pelo abandono maltrata e dilacera o eu do indivíduo que se sente rejeitado e violentado. Para Freud e seus seguidores, o

luto e a perda bem elaborada, ou seja, vivenciada e superada, eleva o ser que se torna mais maduro experiente e consciente das suas frustrações. Por outro lado, uma perda não admitida e não superada, pode levar o indivíduo a um transtorno psicológico acarretando consequências danosas a si e ao ser amado.

Uma das formas de fugir da dor da perda segundo Freud é acionar alguns mecanismos de defesa do ego. O ser humano para evitar o sofrimento deforma a realidade e a suprime. Para Bock (2009), os mecanismos são estratégias defensivas que o sujeito usa para deformar ou negar a realidade, como objetivo de se proteger do sofrimento. “Para Freud, defesa é a operação pela qual o ego exclui da consciência conteúdos indesejáveis, protegendo o aparelho psíquico” (BOCK, 2009. p. 52).

Os principais mecanismos de defesa acionados pelo ego do sujeito para proteger-se de acordo com Bock (2009), são: **repressão**, **negação**, **projeção**, **regressão**, **formação reativa**, **isolamento**. Caruso (1984), ainda acrescenta a **agressão** e a **desvalorização**. Nesse sentido, quando o ser se depara com a perda ou com alguma situação que lhe causa sofrimento e dor, aciona os referidos mecanismos para que a sua realidade dolorosa seja minimizada.

Segundo Freud a **repressão** é o processo psíquico que encobre e faz desaparecer da consciência, uma ideia ou representação dolorosa que está na origem dos sintomas oriundos dos sentimentos reprimidos. Ela não é realizada completamente, pois o reprimido realiza constantes tentativas para encontrar uma saída que atenua a sua dor, suprimindo parte da realidade que vivencia.

O mecanismo de **regressão** ocorre quando o sujeito retorna a etapas anteriores de seu desenvolvimento, etapas primitivas de sua vida. O indivíduo passa a agir de forma infantilizada, apresentando comportamentos típicos das fases da infância: comer muito, se refugiar no sono, o choro, a birra.

O mecanismo de **negação** acontece quando o ser nega a realidade que o circunda. Ele não admite os fatos, principalmente quando são traumáticos, nega a realidade para fugir do contato com a dor psíquica. Em termos amorosos, poderíamos pensar no sujeito que não admite o fato de não ser mais amado. Continua a viver como se a sua amada o amasse como a mesma intensidade.

O mecanismo de **projeção** ocorre quando o indivíduo se projeta em outras pessoas. Não admitindo em si mesmo determinados desejos, defeitos ou emoções ele direciona para outras pessoas muitas vezes de forma agressiva. A projeção pode

ser observada em algumas personalidades homofóbicas. O ódio sem fundamento pelos homossexuais poderia ser pensado como uma projeção, ou seja, canalização da agressividade para reprimir desejos sexuais inconscientes.

Segundo Caruso (1984), o **isolamento** acontece quando o ser se isola e se torna resistente diante de um determinado acontecimento afetivo ou emocional. Já na **formação reativa** ocorre um contra-investimento da energia pulsional retirada das representações proibidas. No mecanismo de **agressão** um indivíduo busca se proteger a partir de comportamentos agressivos e atitudes que o colocam sempre na defensiva. Por último, a **desvalorização** está relacionada com a falta de reconhecimento de atividades executadas pelos outros.

Os mecanismos de defesa quando acionados pelo ego do indivíduo reprimem o conteúdo da consciência, conteúdo este que é lançado para o inconsciente, dessa forma o ego deixa de registrar percepções externas as quais afetam conteúdos psíquicos.

No processo de elaboração da perda, quando a dor é intensa, alguns desses mecanismos são acionados, mas é necessário que o indivíduo volte a perceber a realidade como ela é e vivencie a dor para que possa vislumbrar a superação da separação, reinventando a própria vida.

A partir das abordagens teóricas que foram expostas nos itens anteriores, buscaremos no próximo capítulo analisar a dor de amar do personagem do conto “Açucena” (2005), personagem que não suportando a dor da perda, comete homicídio, matando a amada. Nossa pretensão é compreender o fenômeno de matar por amor, tentando responder à pergunta se quem ama é capaz de matar. Por outro lado, apontamos como possível causa de seu comportamento patológico o fracasso em sua elaboração no processo de luto.

**CAPITULO II**  
**AÇUCENA: A FLOR DO AMOR E DA DOR**

*Qualquer um pode amar uma rosa, mas é preciso um grande coração para incluir os espinhos.*

Clarice Lispector

## 2.1 Considerações sobre a obra

*[...] a relação entre a literatura e a psicanálise é uma antiga relação de amor. Um amor que se pretende eterno.*

Gilcia Gil Beckel

O conto Açucena da escritora Marília Arnaud faz parte da literatura contemporânea que retrata temas relacionados aos conflitos existenciais e os dramas vivenciados pelos indivíduos em suas relações familiares e afetivas. A obra apresenta, de forma instigante, os conflitos que atravessam um homem e uma mulher no final de um relacionamento. A autora retrata que os seres que amam, também odeiam, agredem e matam. Portanto, o conto Açucena evidencia o amor e suas múltiplas faces: afeto, ódio, dor, ciúme, violência e morte.

A autora constrói uma narrativa que envolve dois personagens: o personagem que ama demasiadamente e a personagem que tem o nome de Açucena. O amor do personagem, que também é narrador, por Açucena é marcado por fortes obsessões, ciúmes e um crescente machismo, típico de uma sociedade ainda marcada pelo patriarcalismo. Já a personagem Açucena, destaca-se no conto pela sua autonomia, desejo de liberdade e encanto pela poesia.

No conto o narrador personagem e Açucena eram felizes no início do relacionamento e se amavam apaixonadamente. Contudo o personagem por amá-la excessivamente começa a desenvolver pensamentos obsessivos em relação a namorada. Ciúmes, medo de perder o amor e o receio de perder o poder sobre ela, são sensações que o atormentam permanentemente. Ele percebe que ela não mais o amava com a mesma intensidade, motivo pelo qual se sentia irremediavelmente excluído da vida dela que parece estar encantada com outra paixão: compor poesias.

Dessa forma o personagem começa a vivenciar um martírio sem fim, que desencadeia nele um sofrimento e angústia imensos, ao pensar na possibilidade de perdê-la. Por vezes ele sentia o imenso desejo de castigá-la de forma violenta. Ele passa a duvidar do amor de Açucena, as suas dúvidas são tantas que o levam a questionar se algum dia ela o amou. Atravessado por pensamentos negativos em relação a sua amada (ou desamada) o personagem parecia querer usar da força física para conter a força que emergia do ser feminino. Numa sociedade em que o machismo ainda tem forte influência nas relações entre homens e mulheres, parece

ser inaceitável que o ser mulher consiga alcançar voos que ventilem um novo modo de ser e de viver.

O referido conto segundo Lins e Freire (2013), baseia-se na história de Violeta Formiga, também escritora que abordava em suas obras a temática da liberdade, e evidenciava nelas uma tradução de si mesma ao passo que se posicionava socialmente. Violeta foi assassinada pelo marido e deixou publicado apenas um livro: *Contra Cena*. Os fatos recriados no conto por Marília Arnaud não se desenvolvem de maneira idêntica aos ocorridos na realidade, Arnaud cria um universo feminino ligado à expressão poética, o qual carrega elementos que transcendem a poesia de Violeta.

A relação entre os nomes de flores relacionados ao nome da escritora e ao título que nomeia o conto não é ocasional. Enquanto Violeta significa o equilíbrio entre diferentes elementos como amor e sabedoria, terra e céu, sentido e espírito, Açucena é conhecida por ser uma flor híbrida que cresce sem a necessidade de muitos cuidados, ela apenas necessita se separar do bulbo original para florescer. É nesse sentido que se evidencia a necessidade da liberdade feminina e de sua construção em meio às dificuldades, como violência e morte. Podemos pensar que a personalidade independente da personagem pode relacionar-se com o fato da flor açucena crescer sem muitos cuidados. Pensar também que ainda o fato da flor precisar se separar do bulbo original para florescer pode relacionar-se com a necessidade da personagem se separar dos padrões e convenções para buscar a liberdade e “florescer”.

Podemos cogitar que o nome escolhido pela autora para a personagem, está relacionado com as características de sua personalidade. Açucena significa singela flor branca. Conforme ressalta Lins e Freire em seu artigo sobre a obra (2013), no conto, o nome Açucena sinaliza a necessidade da liberdade feminina de possuir a vontade de se reinventar, apesar dos conflitos que vivencia. Neste sentido, vale ressaltar que as flores de Açucena, representam simbolicamente a tristeza e angústia provocadas pela perda da pessoa amada. A flor também é associada a altivez, elegância, graça. Que podem se associar a própria atmosfera romântica e poética além de delicada, a qual fazia parte da vida de Açucena.

Voltando ao personagem-narrador, suas noites eram consumidas por pensamentos que lhe faziam faltar o ar. Os dias se passavam e o casal se tornava mais distante. Açucena, passou a ser reconhecida pela produção de suas poesias e

já não mais desejava ficar em casa, e conseqüentemente na companhia do amante. O lugar reservado a mulher não se restringe mais ao lar, a mulher avança e gradativamente vai conquistando novos espaços, novos campos de trabalho. As novas possibilidades de vida que ela estava construindo, produzia nele uma sensação desconfortável de rejeição, por não ser prioridade na vida da amada. A narrativa apresenta conflitos subjetivos vivenciados pelo personagem que encontrava-se extremamente angustiado e tomado por sentimentos que o faziam sofrer. Os conflitos e questionamentos fazem com que ele cada vez mais torne-se obsessivo diante da possibilidade de perder Açucena. Ele começa a desenvolver e ao mesmo tempo a compreender que estava se tornando amargurado e totalmente imerso em uma agonia que parecia não ter fim.

Assim, por tê-la como a razão de sua existência, bem como por pensar que não iria suportar sua ausência e a rejeição, caso ela o deixasse, decide matá-la fisicamente como forma de cessar a tortura em que vivia. Ele a leva para um passeio planejado em alto mar numa noite de lua cheia, escolheu a música e o vinho para o momento e a matou friamente. Enquanto ela era tragada pelas águas ele observava o seu desespero e suas súplicas, as quais imploravam para que ele a ajudasse. Ele não se importava com o depois, pois este não existia já que considerava-se inocente do ato de crueldade cometido.

Analisando a obra a luz da psicanálise numa perspectiva literária, consideramos importante apresentar a estrutura da obra. Nesse sentido, conduziremos nossa atenção aos elementos da referida com a finalidade de compreendermos como a trama foi estruturada.

É de nosso conhecimento que existem diversos tipos de narrativas, sendo o conto uma delas. De acordo com Gancho (2002), ele caracteriza-se por ser curto e por ter como finalidade a redução do conflito, espaço e tempo bem como dos personagens. Também é sabido que toda narrativa estrutura-se através de elementos, elementos estes sem os quais ela não existiria. Sem os fatos não há história, já que ela é tecida através deles os quais são vividos pelos personagens em um determinado tempo e lugar. A presença do narrador é um elemento imprescindível e fundamental para a história bem como para que ela se caracterize. Sabendo disso iniciaremos uma análise do conto, em análise, Açucena.

Segundo Gancho (2002), o conjunto de fatos de uma história é conhecido por enredo. Para se entender a organização dos fatos que o compõe é necessário

compreender outros elementos, em especial o conflito da história que é o elemento que movimenta a trama e cria expectativa frente aos fatos. O conflito acontece na história no momento em que um componente dela se opõe a outro, criando uma espécie de tensão que organiza os fatos da trama. É a partir dele que se determina as partes do enredo: Introdução ou exposição que coincide com o início da história, no qual são apresentados os fatos iniciais, seus personagens, às vezes o tempo e espaço. Ou seja é a parte na qual o leitor se situa diante da história que irá ler. Podemos destacar esses aspectos no seguinte fragmento do conto Açucena:

Tantos anos se passaram e ainda não aprendi a esquecer Açucena. Em sonhos ou bem acordado, ela se faz sempre presente, exatamente como em nossos primeiros tempos juntos, livre, linda e plena, flor de desejo e esperança, o verão encarnado na pele, o cheiro de mar nos cabelos, o salgado riso e o olhar de primeira namorada, tudo isso e, sobretudo, o modo com que me apertava em seus braços ainda me dão vontade de chorar (ARNAUD, 2005 p.107).

Neste trecho da narrativa, o narrador nos apresenta os personagens e nos direciona para um entendimento sobre o que acontecerá no decorrer da trama logo na introdução. A parte do enredo no qual se desenvolve o conflito se dá no momento em que o personagem se percebe envolvido por dúvidas, ciúmes e uma forte amargura, como nos mostram os seguintes trechos:

Ciúmes. Não sei precisar em que momento eles se apossaram de mim. Ciúmes daquilo que eu não sabia o que era, mas de que Açucena estava tão densamente impregnada, um sentimento maior, algo de que me sentia irremediavelmente excluído. E não me bastava que vez em quando sussurrasse te amo tanto, sorrindo, delicada, suas mãos despenteando meus cabelos, seu nariz tocando a ponta do meu. Parecia-me que anunciara apenas vou ao cinema com uma amiga ou não me espere para jantar, pois vou demorar (ARNAUD, 2005, p.109).

Que amor? Começava a duvidar de que em algum momento tivesse me amado de verdade. E, no entanto, fora ela quem me revelara ser o amor como a lua, cheio, minguante, e outra vez crescente, uma face iluminada, outra escura, e que mesmo na tristeza e no tédio, o amor, sazonado e reinventado, traduziria o seu destino de amor sempre (ARNAUD, 2005 p.109).

Através dos fragmentos expostos podemos perceber que o personagem encontra-se em um conflito emocional que o faz desenvolver emoções carregadas de sentimentos obscuros e tristes que o faziam sofrer. O clímax, momento culminante da trama revestido de maior tensão se dá quando o personagem decide matar fisicamente sua amada como forma de cessar todo o conflito que vivenciava:

Naquela última noite, pude compreender o prazer que os torturadores dizem sentir. Planejei o passeio em alto mar, em noite de lua cheia. Escolhi o



barco, a música, o vinho. É que a visão de sangue me embota os sentidos e eu queria estar bem alerta para registrar na memória cada gesto, palavra e olhar de Açucena. Sua aquiescência em vir comigo foi o mais surpreendente. Além do pavor às águas profundas, por não saber nadar, há dias não trocávamos uma só palavra. Talvez o destino seja mesmo maior que a vida (ARNAUD, 2005 p.113).

Nesta parte da narrativa o personagem finalmente chega ao ápice de seu sofrimento. O conflito e tensão internos que vivenciava revela-se no momento em que ele decide matar sua amada planejando suas ações que desencadeariam a morte do ser do seu amor.

O desfecho da trama, que refere-se à solução (boa ou má) do conflito instaurado dar-se quando o personagem finalmente mata sua amada sem ao menos repensar sua decisão. Podemos identificar essa ação no seguinte fragmento da obra:

Foi assim que a vi perder-se de mim para sempre, consciente de que sem ela não haveria mais nada, a não ser o meu próprio abandono. Não, jamais poderei esquecer o assombro do meu nome em sua boca, nem a expressão do seu rosto ressaltado contra a massa negro-prateada da água. Sim, dezenas de vezes, antes que seu corpo fosse tragado de vez, gritou por mim, seu amor e carrasco, pedindo-me clemência. Chorar, não chorei. A dor, muito mais funda. Vomitei quando botei os pés em terra. O dia estava nascendo e o medo se fora. Açucena iria compor seus versos no silêncio de plâncton, líquens, nácares (ARNAUD, 2005 p.114).

Os personagens são seres fictícios que constituem e participam da narrativa, são eles os responsáveis pelo desempenho do enredo. Na trama em análise temos como personagens Açucena e o homem que a amava. O espaço, lugar onde ocorrem os fatos também é um elemento da história. No conto em análise temos o mar como espaço e o ambiente no qual conviviam juntos. O tempo que retrata o momento em que ocorrem os fatos é cronológico pois é revelado por acontecimentos dispostos em uma ordem sequencial linear: início, meio e fim. O tempo na narrativa também caracteriza-se por ser psicológico pois é construído através das lembranças do personagem. No trecho da obra a seguir, o personagem relembra através de suas lembranças alguns de seus momentos vividos com Açucena:

Tantos anos se passaram e ainda não aprendi a esquecer Açucena. Em sonhos ou bem acordado, ela se faz sempre presente, exatamente como em nossos primeiros tempos juntos, livre, linda e plena, flor de desejo e esperança, o verão encarnado na pele, o cheiro de mar nos cabelos, o salgado riso e o olhar de primeira namorada, tudo isso e, sobretudo, o modo com que me apertava em seus braços ainda me dão vontade de chorar (ARNAUD 2005 p.107).

Gancho (2002), aborda entre as categorias de narrador, o narrador personagem o qual está presente na trama pois ele participa da história relatando os fatos. Também pode ser caracterizado por ser um narrador- onisciente pois sabe e revela tudo sobre o enredo e seus personagens, até mesmo seus pensamentos mais íntimos.

É interessante atentar à questão da escolha do título do conto, pois sabe-se que ele pode estar revestido de significados simbólicos. Nesse sentido o nome/título do conto: Açucena significa: Singela e branca flor, conforme já foi citado anteriormente. No que diz respeito à primeira letra de seu nome (A) podemos destacar: Pessoa que está sempre disposta a se aventurar, repleta de energia e dona de uma personalidade ativa e decidida. Líder por natureza atrai as pessoas e não se satisfaz com uma vida sem desafios

## 2.2 “Tristeza não tem Fim, Felicidade Sim”

*Quanto tempo o coração leva pra saber que  
o sinônimo de amar é sofrer?  
Na solidão de casa descansar, o sentido da  
vida encontrar, ninguém pode dizer onde a  
felicidade está?*

*Zé Ramalho*

No presente item realizamos, à luz dos pressupostos teóricos da Psicanálise, uma análise da dor de amar na obra *Açucena* de Marília Arnaud; especificamente da experiência amorosa do personagem que ama e não aceita perder o seu objeto de amor e desejo. Primeiramente conduziremos nossa atenção para o sentimento que envolve toda a trama: o amor e suas facetas. Em seguida a análise será conduzida no sentido de compreendermos como a perda de um amor pode desembocar na morte do ser amado. Neste sentido, guiaremos a análise a partir de uma questão: é possível matar a quem se ama?

Em *Açucena* a autora apresenta-nos uma história de um homem atormentado por amar demais e não se sentir correspondido. Trabalhando com muita sensibilidade e conduzindo por caminhos obscuros que vasculham o inconsciente humano, essa obra, enfoca a dor de amar e de perder o ser amado. Ao tecer uma narrativa que evidencia a dor de uma possível separação, Marília Arnaud prende ao mesmo tempo em que sensibiliza os leitores quando nos revela de forma surpreendente do que o ser humano é capaz de fazer quando sente-se rejeitado ou

esquecido. Sua trama leva-nos a pensar que diante das dores provocadas pelas perdas constantes na vida, devemos buscar no nosso interior a habilidade e o equilíbrio para lidarmos com as surpresas que ela nos reserva.

Consideremos que ao falarmos sobre o amor bem como sobre a dor que ele pode nos causar através das separações, precisamos refletir sobre o que é amar e o que devemos fazer para aprendermos a amar. Conforme vimos no primeiro capítulo, Erich FROMM (1997), em sua obra analisa o amor como uma arte:

O primeiro passo a dar é tornar-se consciente de que *o amor é uma arte*, assim como viver é uma arte; se quisermos aprender como se ama, devemos proceder do mesmo modo por que agiríamos se quiséssemos aprender qualquer outra arte, seja a música, a pintura, a carpintaria, ou a arte da medicina ou da engenharia. (FROMM, 1997 p. 24)

Segundo o autor se o amor é uma arte e precisa ser aprendido, a sua permanência na vida do ser amado também requer aprendizagem, visto que uma experiência amorosa inicial é extremamente excitante, mas, se for não devidamente cuidada se desfaz. Quando duas pessoas se relacionam elas devem compartilhar as experiências da vida: alegrias, tristezas, frustrações, vitórias, enfim seus modos de sentirem e vivenciarem a existência. Para FROMM (1997), uma das dificuldades de amar é que o outro nunca vai corresponder as nossas expectativas. O outro idealizado em nossa mente não corresponderá ao que ele é na vida real

Nessa mesma perspectiva, a Psicanalista Maria Rita Kehl (1987), diz que no início de uma relação amorosa a existência do outro não é vista por completo, uma vez que são depositadas nele fantasias. Assim, a paixão passa a conviver com a decepção pois o outro não consegue satisfazer seu amante por completo e a realidade se instaura na vida provocando desconforto e rupturas. Nesse contexto, podemos analisar que na trama em análise, apesar de todo o cuidado extremamente excessivo do personagem com seu relacionamento, ele acabou, Açucena não correspondia ao ideal de amor desejado por ele.

Ainda sobre o amor, FROMM (1997) afirma que o amor amadurecido envolve uma relação de fusão com o outro, mas preservando a própria integridade e individualidade. É no amor que ocorre o paradoxo no qual dois seres se tornam um, mesmo sendo dois, visto que as identidades se fundem. Neste aspecto, o personagem amante não conseguia entender esse paradoxo, porque na sua mente, ele e sua amada deveriam ser apenas um.

Vejamos o seguinte trecho da obra:

Ofertei-lhe pouco ou muito, não sei, a minha própria reserva interna de luz, se é que no inferno em que eu sempre andei ainda me restava alguma. Da manhã, acordando juntos, até o anoitecer, tínhamos tanto, o mar, a rua, as pessoas, a palavra, a vida se enchendo de sol e prazer, e conhecimento e sagração, tudo tão novo e espontâneo, que custava acreditar que estivesse acontecendo mesmo comigo (ARNAUD, 2005 p.108).

Neste trecho do conto percebemos como o referido sentimento fazia o personagem superar o sentimento de isolamento ainda que duvidasse de que estava realmente sendo amado. O personagem duvidava de sua própria felicidade pelo fato de não ter tido na época de sua infância a oportunidade de conhecer e de ser amado por seus pais. O referido fato parece pulsar em seu inconsciente impedindo-o de ser totalmente verdadeiro com sua amada no que diz respeito a sua própria vida. Ele sente-se inquieto e repleto de inseguranças que ao longo da trama vão se intensificando contribuindo posteriormente com o aumento de seu martírio e tristeza.

O personagem revive alguns momentos de seu passado, mas lembra-se de que nada a respeito dele pode ser dito para sua amada pois temia que se soubesse do que lhe acontecera no passado ela o deixasse de amar.

Não queria contar-lhe de um pai de quem nunca ouvira falar, de uma mulher que sumira sem deixar vestígios, e a quem eu, se quisesse, poderia chamar de mãe. Sim, fui à escola, joguei bola, fiz alguns amigos, conheci mulheres, mas nunca falei para Açucena das minhas dificuldades com tudo isso, nem dos milhões de espectros que me habitam desde a infância. Temia que sabendo tanto, passasse a me amar menos, ou mesmo que deixasse de me amar (ARNAUD, 2005 p.107).

Parece que o desequilíbrio psíquico provocado pela ausência dos pais bem como pelo amor que deles poderia ter recebido, além dos momentos com eles que foram-lhe retirados, interfere na sua forma de amar. O personagem, por ter convivido com o desamparo e o desamor, ver em Açucena uma oportunidade de suprir todo o amor que lhe faltara quando criança. Nesse contexto, Kehl (1987) afirma que é de acordo com as experiências vivenciadas pela criança em sua infância que ela as revive em suas relações amorosas. O ser que um dia fora criança ao estar apaixonado possui a esperança de encontrar no ser do seu amor a sua total completude.

Segundo FROMM (1997), o amor entre pais e filhos tem muita importância, pois quando a criança cresce e se desenvolve sente o amor que lhe é dado e retribui este amor da forma que lhe é cabível. Amando, a criança deixou a cela da prisão da solidão do isolamento, que era constituída pelo estado de narcisismo e de centralização em si mesma. Experimenta um sentimento de nova união, de

participação, de unidade. Mais do que isso, sente-se a potência de produzir amor pelo fato de amar – em lugar da dependência de receber pelo fato de ser amada.

Nesse sentindo, podemos supor que o personagem não teve a oportunidade de ser amado e de amar seus pais, a falta desse amor interferia em sua vida pessoal e amorosa. Ele concentrava toda sua energia em si mesmo, bem como no seu relacionamento e naquilo que amava para que dessa forma pudesse ser amado como gostaria. Ao contrário de Açucena que pouco importava-se e que não conseguia retribuir com paixão e afeição o amor que ele sentia por ela, visto que ela parecia estar envolvida em outro objeto de amor: a poesia.

Para FROMM (1997), o amor só é possível se as duas pessoas se comunicam mutuamente, se se mantêm próximas e se se preocupam com a existência do amor bem como do outro. Por isso o amor é um desafio que requer movimento, crescimento e trabalho. Se não há vivacidade e vigor entre os amantes o amor não existe. Essa afirmação de Fromm parece fazer sentido, quando analisamos a relação do casal da trama, a falta de sintonia e cumplicidade eram reveladoras de uma relação já em fase final.

A autora Marília Arnaud cria uma história extremamente envolvente, ela enriquece a trama literária através do desenrolar da história bem como da forma como nos instiga a envolver-se com os personagens e suas trajetórias. No decorrer das análises dos próximos itens perceberemos como o leitor sente-se totalmente inebriado e arrebatado quando entra em contato com os conflitos interiores vivenciados pelo personagem. Conflitos relacionados a si próprio e a seu relacionamento bem como a sentimentos não elaborados decorrentes do término de sua relação amorosa, os quais fazem com que ele vivencie momentos de psicologicamente angustiantes.

Nesse contexto, o conto nos chama atenção, uma vez que através da ficção nos faz pensar sobre o que acontece nas realidades que envolvem termos de relacionamentos, isto é, a não elaboração decorrente dos seus finais, pois sabemos que quando a fase de excitação inicial passa, o antagonismo e as decepções vão dando lugar ao que antes era excitante na relação, isto é a ideia de complementaridade e de cara metade que é criada pelo casal na fase de enamoramento.

### 2.3 O Processo de elaboração de um luto: tudo se transforma em dor.

*E bote tempo que eu não sei dormir  
e bote tempo que eu não sei sonhar  
e bote tempo que eu não sei sorrir  
e bote tempo que eu só sei chorar  
e bote tempo que eu não tenho aonde ir  
e bote tempo que eu não sei pra onde voltar  
e bote tempo que eu só sei o que é sofrer  
Santana – O cantador*

Vimos no primeiro capítulo que a dor da separação de acordo com a teoria psicanalítica é uma das experiências mais dolorosas que o ser humano pode vivenciar. A perda ou a possível possibilidade da perda pode provocar no indivíduo, sentimento de revolta e de agressividade. Nesse estudo buscaremos delinear os territórios em que o personagem do conto em análise vivia por não mais conseguir conviver com a dor de amar e não ser amado. No conto percebemos a forma agressiva que ele encontrou para enfrentar a dor da perda e que determinados tipos de comportamentos e pensamentos se tornavam cada vez mais fortes em seu interior, vejamos no seguinte fragmento: “Sentia ímpetos de espancá-la até fazê-la sangrar, de mastigá-la lentamente, de acorrentá-la ao pé da nossa cama, para que a sua poesia voltasse a se tecer exclusivamente de seu amor por mim” (ARNAUD, 2005 p.111).

Percebemos que os pensamentos do personagem eram envolvidos e revestidos por uma agressividade e rebeldia ferozes. Agressividade que nascia em nome de um amor não correspondido e incompreendido.

Segundo Caruso (1984), a separação é um problema de morte entre os vivos, visto que ocorrerá a morte do amante na consciência de seu amado, este que por sua vez deverá aceitar a sua morte simbólica na consciência da pessoa que ama de modo concreto. O referido processo torna-se doloroso e difícil de ser vivenciado, pois em uma relação amorosa há a fusão das identidades dos seres amantes que compartilham de um mesmo mundo e que dessa forma encontram-se fundidos em um só. Ambos veem no outro um abrigo contra a solidão, trocam amor por amor, confiança por confiança. Nesse contexto será imensamente doloroso separar-se de alguém que leva consigo a identidade do outro. O eu sente-se abandonado pelo seu amado que ainda se faz presente mesmo estando ausente. Podemos identificar esta experiência no seguinte fragmento da obra:

Açucena gostava cada vez menos de estar em casa, na minha companhia. Escorregava, e eu, apavorado e já sem pudor, acusava-a daquelas ausências, que eu julgava propositais, para me massacrar. Encolhia os ombros, impassível, e seguia recusando meu amor (ARNAUD, 2005 p.111).

Em algum momento, passou a trancar-se, a pretexto de escrever, e eu ficava à deriva, eu e a noite nos arrastando na casa invadida pelo barulho monótono das ondas do mar quebrando na praia, pelo cheiro forte de salsugem, tão forte quanto a minha raiva, frustração e desamparo (ARNAUD, 2005 p.111).

Diante dos fragmentos expostos, percebemos como o eu do personagem sentia-se abandonado e desamparado, o abandono em que vivia o fazia sofrer ao passo que desencadeava nele um sentimento de raiva imensa. Ele percebia que Açucena se mantinha cada vez mais distante e não sabia o que fazer para que ambos pudessem voltar a ser felizes e apaixonados.

Nesta perspectiva, Nasio (1997) ressalta que a dor da separação é imensamente difícil de ser vivenciada, pois o ser está irremediavelmente ligado a pessoa que ama. Nesse sentido, no momento em que o personagem separa-se dela, sente-se perdido pelo tamanho sofrimento provocado pela ruptura.

Podemos perceber como o personagem está ligado afetivamente a Açucena. Esse apego provoca nele o medo de ser totalmente desamparado pois já sentia-se abandonado. Medo, que ele carrega dentro de si, medo referente a realidade que poderia encontrar como forma de confirmar o que pensava a respeito do afastamento de Açucena. Podemos perceber isso no momento em que ele pensa em segui-la:

Pensei em segui-la, flagrá-la na companhia de alguém, humilhá-la, contudo, não sei se por covardia, ou porque em mim sobrevivesse, o que é pouco provável, um tanto de dignidade, mantive-me à espera, ampulheta de agonia, que a verdade viesse à tona e me libertasse, se é que eu acreditava mesmo que certeza tão dolorosa pudesse me libertar. (ARNAUD, 2005 p.112).

O personagem por perceber seu afastamento cogitava a possibilidade de sua amada ter um amante ou vários, nesse contexto sente um imenso desejo de descobrir a verdade. Mas parece se sentir impotente e imerso no mundo de suas obsessões que lhe alimentavam e o faziam descreer cada vez mais do amor de Açucena. Sua amada se tornava cada vez mais inacessível e distante. Toda essa situação fazia com que ele se sentisse destruído e mergulhado em uma dor que também desencadeava rancor.

Fazendo uma análise do universo psíquico do personagem, recorreremos a Freud (1996) que na obra “Luto e Melancolia” destaca o sofrimento desencadeado pelo rompimento de um laço amoroso. Para ele a separação provoca um efeito devastador no ser humano, visto que ele nesse momento mergulha em um profundo desespero que o atormenta e o dilacera. A mente sente-se angustiada e incapaz de realizar outra atividade que não seja sentir uma profunda dor.

Seguindo a mesma linha de pensamento Caruso (1984), diz que a separação e o conseqüente esquecimento do ser amado na consciência desperta no ser uma vivência de morte em vida. O eu sente-se desesperado e tenta defender-se do vazio ocasionado pela perda mas se depara com a negação em aceitá-la, pois nesse momento o ego vive uma ameaça mortal. A separação torna-se difícil de ser elaborada e por isso torna-se um tormento em vida.

Nesta perspectiva por já estar imerso em um tormento podemos destacar o processo que o personagem vivia, processo de resistência quando tentava salvar seu relacionamento, visto que este estava sendo destruído e esquecido.

Em artigo publicado sobre a construção da identidade de Açucena no conto de Marília Arnaud, Lins e Freire (2013) analisam que Açucena ao despertar a fúria do seu parceiro reforça a capacidade que as mulheres possuem de romper com o universo de dominação patriarcal imposto pelos homens. Entre o amor de seu namorado e sua paixão pelas letras, ela opta pela segunda opção, nesse sentido ela o desafia e coloca em evidência a autoestima do narrador, que sente-se esquecido e abandonado.

O personagem masculino ver que a imaginação e a criatividade de sua amada a torna livre de qualquer perseguição, por isso sente-se tomado pelo desejo de absorver a sua capacidade intelectual em nome de seu amor. Nesse contexto ele tenta se apropriar da personagem através da violência sexual e moral quando a insulta e a agride durante o amor. Açucena ao revelar seus desejos e avidez sexual, afeta a imagem que o parceiro tem dela, por isso, para ele, ela era uma mulher adúltera e por isso atribuía-lhe amantes. Lins e Freire (2013), ressaltam que o homem sente-se irritado quando a mulher revela sua sexualidade, por ver a sua virilidade ameaçada.

Na tentativa de redefinir o relacionamento, ele relembra para Açucena os momentos de cuidado e afeto que nutriam um pelo outro no início da relação.



Uma noite, após termos nos amado, contei-lhe como me faziam falta os excessos dos nossos primeiros tempos, os cuidados com que ela costumava me nutrir, a fantasia daquele amor como certeza única, o abraço no meio da noite e a confirmação do seu corpo ali, atarracado ao meu, suficiente em calor e espera. Ouviu e ficou quieta, silenciosa, o olhar perdido em algo indefinido. Então, naquele exato momento, pressenti que alguma coisa de cruel e definitivo se armava dentro dela. (ARNAUD, 2005 p.109).

O personagem sente um imenso desespero diante de uma possível separação, ao passo que sentia esperança em reconciliar-se com sua amada, mas compreende através da atitude de Açucena que algo se passava na sua mente apesar de permanecer em silêncio e pressentia que não seria algo agradável pois sua amada encontrava-se distante e esquecida do amor vivenciado por eles um dia. Essa possível esperança de uma reconciliação torna o personagem mais apaixonado, enquanto Açucena encontra-se cada vez mais distante. É nesse sentido que Caruso (1984), afirma que o amor tem de alimentar-se de uma realidade presente e não de fantasias do passado.

A separação ocasionada pela perda é pior que a morte, a dor que o ser sente é indescritível e o desespero dilacera o ego. Tornar-se cada vez menos presente na memória do amado é doloroso. É nesse contexto que, se o objeto se perde, perde-se também a identidade, pois ele completava algo ou alguém. Se a idealização do ser perdido ainda permanece, seu ego cada vez mais estará ligado a ele. É nesse sentido que a fantasia de um amor eterno cada vez mais se desfaz, essa desilusão faz o ser humano perecer em meio a seus próprios conflitos, visto que todos os amantes, no momento de paixão, gostariam de serem amados eternamente, de serem sempre unos.

Para compreendermos melhor o processo de luto bem como sua elaboração é relevante analisar como ele se dá e porque se dá, com a finalidade de investigar o processo de resignificação após a perda da pessoa amada, que quando fracassa pode acarretar a morte física como tentativa de que o sujeito amado finalmente morra simbolicamente na consciência da pessoa que ama.

## **2.4 O Luto Patológico: a morte em vida**

*... e minha alma não podia viver sem ele...  
Com que dor se ensombrou meu coração! Tudo*

*O que via era morte para mim... E tudo o  
que o lembrava transformava-se para mim  
em crude-líssimo martírio...*  
Igor Caruso

Caruso (1984), em seus estudos concluiu que quando o eu sente-se abandonado por uma parte que o integrava e que produzia uma sensação de vida plena, o ser agora ausente ainda permanece dentro do indivíduo que tenta reencontrar-se visto que se encontra perdido e sem identidade. É nesse sentido que o processo de luto irá fazer com que ele ressignifique a vida e reconstrua a identidade que foi desintegrada com a separação. No referido processo ocorrerá o afastamento do ser e do objeto amado e perdido. A passagem pelo processo com êxito é de extrema importância pois dessa forma o sujeito pode retomar sua vida sem a presença do outro.

Nasio (1997), também aborda em seus estudos a mesma temática, para ele a dor de amar é causada pela perda do objeto amado. Quando o eu tenta defender-se da dor causada à presença do ser ausente se intensifica na consciência do eu abandonado e o sujeito continua a amá-lo sem ver-se capaz de desinvestir-se dele. Para que ele seja superado, é necessário que o sujeito desvista pouco a pouco do ser amado. Ele deve distribuir sua energia para outras áreas, pois até então ela encontrava-se concentrada em uma única representação dominante: a do ser amado.

Dessa forma, compreende-se que se o trabalho de desinvestimento não se cumprir o sujeito ficará imobilizado em uma única representação, ou seja, a que envolve a pessoa amada, é nesse contexto que o luto pode se eternizar paralisando a vida da pessoa enlutada durante algum tempo ou mesmo durante sua existência.

Em “Luto e Melancolia” (1917), Freud revela que o luto é um processo doloroso, pois há uma inibição de qualquer atividade, visto que a catexia e a energia destinada ao objeto perdido continua a aumentar e a esvaziar o ego. Assim, segundo ele, essa inibição acontece devido à exclusiva devoção ao luto, devoção essa que nada deixa para ser dirigida para outros interesses e propósitos. O ego no estado de luto se vê envolvido por uma tarefa psíquica árdua, pois perde uma grande quantidade de energia a sua disposição, assim, reduz o consumo dela em vários pontos ao mesmo tempo.

Freud (1920) ao trazer o conceito de melancolia, nos lembra que o melancólico se autodeprecia de maneira intensa. Assim, esse estado melancólico

possui um caráter mais inconsciente e ideal, visto que não se sabe o que realmente foi perdido, uma vez que o objeto não precisa necessariamente ter morrido, mas apenas perdido enquanto objeto de amor, podemos exemplificar isso através de um término de relacionamento.

É perceptível a importância do processo de elaboração de luto para que o indivíduo possa superar a perda sofrida. Se o referido não se realizar, ele torna-se fracassado e o sujeito irá sentir-se abandonado e irremediavelmente sofrido e sem forças para seguir com sua vida. Podemos observar a partir da narrativa que o personagem sentia-se abandonado e ao mesmo tempo imensamente apaixonado, pois recusava-se a aceitar o fato de está perdendo a sua amada, esta que por sua vez o esquecia gradativamente. O seguinte trecho do conto nos revela este esquecimento:

Açucena não me poupava, a cada dia mais inacessível, e como se dissesse, toma, a dor é tua, cuida dela, chora ela sozinho e me deixa em paz, ela ia se indo, esquecida de que sua vida fizera-se minha, de que me abastecera tanto de si, destruindo-me, pobre Açucena destruía-se junto comigo. (ARNAUD, 2005 p.113).

O personagem era consciente de que Açucena cada vez mais ficara distante dele e de seu amor, ela parecia não importar-se com a dor vivenciada por ele ao passo que esquecia do amor e das experiências compartilhadas por ambos. Assim, ao sentir-se destruído e já sem forças o personagem cogita a possibilidade de matar sua amada.

Ainda de acordo com Nasio (1997), o processo de luto é lento e doloroso, contudo se for realizado com êxito a perda é superada e a experiência pela qual o indivíduo passou é ressignificada como aprendizado, pois a dor que o ser sentiu torna-se um sinal de que a experiência vivenciada o fez amadurecer, se recuperar e se levantar, isto é de ressignificar todo o processo que viveu.

Aplicando isto a obra percebemos que o personagem por não superar a perda de sua amada permanece ligado à sua imagem, mantendo-a em seu pensamento e negando-se a admitir sua morte na consciência de Açucena. Seus pensamentos tornavam-se tão obscuros que admitia para si mesmo o fato de sua amada estar destruindo-se por não o amá-lo ao mesmo que tempo em que ele também se destruía.

O conto nos revela que um luto fracassado pode ocasionar transtornos psíquicos no indivíduo, pois no final da história o personagem ao reconhecer-se

abandonado, planeja um passeio em alto mar, passeio este que acarretará a morte de Açucena:

Naquela última noite, pude compreender o prazer que os torturadores dizem sentir. Planejei o passeio em alto mar, em noite de lua cheia. Escolhi o barco, a música, o vinho. É que a visão de sangue me embota os sentidos e eu queria estar bem alerta para registrar na memória cada gesto, palavra e olhar de Açucena. Sua aquiescência em vir comigo foi o mais surpreendente. Além do pavor às águas profundas, por não saber nada, há dias não trocávamos uma só palavra. Talvez o destino seja mesmo maior que a vida (ARNAUD, 2005 p.113).

Percebe-se que a posição e o martírio vivenciado pelo personagem desencadeava nele pensamentos e atitudes revestidas de rancor. Ele encontrava-se tão perdido que sem achar solução para ter de volta o amor de sua amada decide matá-la para que ela morresse em sua consciência. Torna-se perceptível que a tamanha solidão que vivia o fazia acreditar que existia um sentido para o que ele estava planejando, ou seja para a morte de Açucena.

No fragmento da obra narra-se o momento exato da morte de Açucena:

Foi assim que a vi perder-se de mim para sempre, consciente de que sem ela não haveria mais nada, a não ser o meu próprio abandono. Não, jamais poderei esquecer o assombro do meu nome em sua boca, nem a expressão do seu rosto ressaltado contra a massa negro-prateada da água. Sim, dezenas de vezes, antes que seu corpo fosse tragado de vez, gritou por mim, seu amor e carrasco, pedindo-me clemência. Chorar, não chorei. A dor, muito mais funda. Vomitei quando botei os pés em terra. O dia estava nascendo e o medo se fora. Açucena iria compor seus versos no silêncio de plâncton, líquens, nácares. (ARNAUD, 2005 p.114).

Por não conseguir superar a dor, bem como a perda de sua namorada ele a mata para que finalmente a extermine de sua consciência, efetuando dessa forma sua morte simbólica. O personagem por ter fracassado e por não ter superado a separação, parece ter enlouquecido. Essa loucura segundo FROMM (1997), só pode ser superada se houver o afastamento de um dos dois seres do mundo exterior para que o sentimento de separação desapareça definitivamente.

Na análise do conto Açucena, Lins e Freire (2013), em artigo publicado, ressaltam que a mulher representada na narrativa desperta no personagem a sua necessidade de autoafirmação para que possa provar a sua superioridade e força. A partir de uma análise marcada pelas questões de gênero, os autores analisam a dor de amar do personagem de forma que complementam e ampliam as discussões Psicanalíticas. Mesmo não sendo objeto deste estudo, consideramos importante abordar as questões que perpassam o discurso masculino sobre o fato de amar e não ser amado. O personagem do conto é marcado pela dor de amar e não ser

amado, mas essa dor também revela o medo de perder o controle, o poder, a sensação de que é um ser superior. Sua superioridade masculina parece escorregar e cair na medida em que a escrita poética de Açucena se eleva e revela a possibilidade de um novo ser mulher. Dessa forma, ele decide conter aquilo que foge do seu controle e na sua concepção apenas a morte da amada poderá salvá-lo da dor da perda, resgatando sua superioridade.

No conto ele associa seu interior aos predadores lobo e abutre, animais que matam a vítima para que possam sobreviver: “incomodado com o fato de Açucena desconhecer, ou sequer suspeitar dos esgotos secretos que me percorriam, dos labirintos penumbrosos das minhas fantasias, dos meus lobos e abutres” (ARNAUD, 2005 p.107). Abutre é um animal que se alimenta de restos mortais, o termo utilizado pelo narrador indica ânsia de obstruir a trajetória de crescimento do feminino. Os lobos, representam símbolos do poder, que confirmam o desejo do personagem de dominar a relação.

O protagonista ao dizer que seu interior está marcado por sentimentos infaustos, a partir das expressões “esgotos” e “penumbrosos” antecipa suas atitudes relacionadas à defesa de seu território e a dificuldade que Açucena apresentará em encontrar seu caminho. A psique no narrador é comparada a um labirinto, pois encontra-se em uma situação complicada e quase sem saída

Foi nesse contexto que o personagem decidiu que Açucena deveria ser exterminada do mundo. Ele acredita que a morte da amada seria uma forma de cessar com a dor que o consumia, a dor da separação, da rejeição, do sentimento de impotência e inferioridade.

Como vimos à dor da perda provocada pelo abandono maltrata o indivíduo, pois ele sente-se rejeitado. Em seus estudos Freud (1996), ressalta que a perda quando bem elaborada e superada torna o ser mais consciente de suas frustrações, por outro lado, uma perda não superada leva o indivíduo a desenvolver um transtorno psicológico, transtorno que acarreta consequências danosas ao ser amado. A dor da perda é desastrosa porque ela rompe com o laço existente entre dois seres que vivenciavam uma relação de amor. A ruptura do laço desencadeia um sofrimento imenso na alma, sofrimento que atormenta e faz sofrer.

Trazendo novamente as questões de gênero, podemos pensar a partir de Lins e Freires que o discurso da dor de amar do personagem, é atravessado pela questão de não se sentir exercendo controle e poder na relação com sua amada. A

liberdade, o sucesso, o modo de viver de açucena inquieta, fere e desespera. Ele passa a agir de forma que suas ações garantam o seu poder sobre ela, por isso faz uso das chantagens e de reclamações e em seguida de insultos e violência nas relações sexuais. Porém seu comportamento não atinge Açucena que cada vez mais compõe poesias. A escrita transforma-se em uma ameaça para o personagem, que vai se tornando cada vez mais perturbado, angustiado e enciumado.

Ele ao observar sua namorada percebe que ela, através da composição de suas poesias, criou o seu próprio mundo, um mundo fascinante e indefinível. Ao perceber Açucena como uma mulher que possui força, ele reconhece o lugar de sujeito ocupado por ela. Neste sentido, preocupa-se em assegurar seu domínio sobre ela. A diferença entre seus mundos desperta nele um sentimento de posse, justificado pela possível existência de um amante. O personagem dominado pelo ciúme sente Açucena imune a seus domínios, nesse contexto a ameaça e propõe que ela se dedique única e exclusivamente a ele. De acordo com Lins e Freire (2013), o universo da mulher dentro da narrativa liberta-a do padrão imposto pelo homem. Sua liberdade será respondida com a sua própria vida.

Quando ele arquiteta a morte de sua companheira sente o prazer de atingi-la: “pude compreender o prazer que os torturadores dizem sentir. Planejei o passeio em alto mar, em noite de lua cheia. Escolhi o barco, a música, o vinho”, pois queria “registrar na memória cada gesto, palavra e olhar de Açucena” (ARNAUD, 2005 p.113). O protagonista escolhe com cautela e cuidado o tempo e o lugar do homicídio, a lua cheia ilumina a noite, satélite definido pela luz de outro astro. O ambiente é escolhido com cuidado e sugere uma noite romântica de amor, visto que terá música e vinho. O mar é escolhido por ser um espaço onde não deixa rastros de sangue, pois o personagem deseja registrar na memória o sofrimento que a mulher irá sentir.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No início deste trabalho nos propomos a realizar uma análise literária e psicanalítica da obra Açucena (2005) de Marília Arnaud. Analisamos o sentimento

que o ser humano mais necessita: o amor, bem como a dor de amar e o processo de elaboração do luto ocasionado pela perda da pessoa amada.

A referida obra apresenta a história da personagem Açucena e do personagem narrador, um homem extremamente controlador, ciumento e violento o qual ama com devoção a sua amada. Ele é marcado pelo desamparo de seus pais e desamor de Açucena, bem como por um amor que lhe causa dor e sofrimento, os quais são vivenciados intensamente durante todo o decorrer da trama. É nesse contexto que o personagem por amar exacerbadamente e não se sentir amado com a mesma intensidade, inicia um lento processo de elaboração de luto que fracassa e ele desenvolve um comportamento doentio e articula a morte da amada.

Ao analisarmos a obra sob os olhares dos conceitos psicanalíticos fomos capazes de desvendar e principalmente de perceber a importância do processo de luto para a superação de uma perda. O personagem do conto não consegue encarar a dor da perda e passa a apresentar sintomas de desequilíbrio emocional.

Destarte, no cerne do entendimento sobre o luto, o ponto onde gostaríamos de chegar ao que se refere às separações amorosas é que é possível concebermos que elas podem se transformar em lutos patológicos ou não, nos quais a dor de existir nos remete a pensar sobre as tristezas e tormentos peculiares desse estado sobre o qual o sujeito enlutado se encontra.

A autora Marília Arnaud nos faz acreditar que o personagem não supera a perda e a indiferença de Açucena. Tornou-se perceptível que mesmo diante de uma relação fracassada o protagonista não aceitava o fato de perder sua amada bem como de ser esquecido por ela. É nesse contexto que ele passa a viver uma relação marcada por discussões, comportamentos violentos e pensamentos obsessivos. Surge o desejo de querer que a amada morra para que ele possa viver. A morte de Açucena, parece-nos apontar que o personagem comete homicídio por vingança, ele não aceita o fato de ser rejeitado. Mas também leva-nos a pensar que no inconsciente do personagem, a morte física de Açucena pode significar também a morte simbólica no seu interior.

O final da trama leva-nos a pensar sobre a importância da vivência diante da dor de amar e de uma perda ocasionada pela separação de pessoas que se amam. O que mais chama atenção na obra de Marília Arnaud é o fato do homicídio cometido da pessoa amada por uma pessoa que a diz amar.

Para acrescentar, analisando a narrativa através de uma perspectiva feminina, concluímos que o personagem não aceita que sua amada ame demasiadamente a poesia e não ele, fato que desencadeia no referido um sentimento de revolta visto que seu ego de homem viril foi machucado, pois sabemos que na nossa sociedade o homem é visto como alguém forte e que não se humilha a mulher, nesse sentido a autora enaltece a mulher independente.

As análises realizadas neste trabalho contribuíram para o aprofundamento e desenvolvimento de estudos relacionados à dor de perder um ser amado. Essa temática é imensamente instigante e desafiadora visto que todos os seres humanos amam e sofrem. Esse estudo nos fez realizar uma viagem e uma análise de nós mesmos, uma análise constante e instigadora do que sentimos, dos enigmas que possuímos e desconhecemos.

Acompanhar e analisar a trajetória do personagem durante seu processo de luto foi trilhar um caminho marcado pela dor e desespero diante da dor da perda. Adentramos e compartilhamos de suas incertezas, dores e de seu amor. Aprendemos com Freud, Fromm, Nasio e Caruso que a dor de amar pode ser superada e ressignificada com o tempo. Aprendemos também que uma vida marcada pela dor requer uma reconciliação com o interior de quem a vive e que a realidade embora dolorosa e repleta de perdas pode significar crescimento e amadurecimento. Nesse contexto, a pesquisa nos trouxe um alerta sobre a importância da vivência do processo de luto, de modo a surgirem novas indagações a respeito do que foi discutido.



## REFERÊNCIAS

ARNAUD, Marília. **O livro dos Afetos**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2005.

BOCK, Ana Mercês Bahia. **Psicologias**. Uma introdução ao estudo de psicologia. São Paulo: Saraiva, 2009.

CARUSO, Igor A.. **A separação dos amantes**: uma fenomenologia da morte [tradução de João Silvério Trevisan]. 3. ed. – São Paulo: Diadorim: Cortez, 1984.

COLASANTI, Marina. **E por falar de amor**. 5 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

FREUD, Sigmund. (1925-1926). *Luto e melancolia* In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 15 Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Luto e Melancolia**. Rio de Janeiro: Imago. 1917.

FREUD, Sigmund. **Além do Princípio de Prazer**. Rio de Janeiro: Imago. 1920

FROMM, Erick. **A arte de amar**. Tradução de Milton Amado. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.

GANCHO, Candida Vilares. **Como analisar narrativas**. - 7ª ed. - 8ª impr. - São Paulo: Ática, 2002.

KEHL, Maria Rita. *A Psicanálise e o Domínio das Paixões*. In: **Os Sentidos da Paixão**. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

LINS, Risonelha de Sousa; FREIRE, Manoel. **Uma flor nos labirintos da obsessão: uma Abordagem do conto Açucena, de Marília Arnaud**. In: XIII Congresso Internacional da ABRALIC - Internacionalização do Regional, 2013, Campina Grande. ANAIS ABRALIC INTERNACIONAL. Campina Grande: Editora Realize, 2013. v. 01. p. 01-07.

LUZES, Pedro. **Sob o manto diáfano do Realismo**: psicanálise de Eça de Queiroz. Lisboa: Fim de século, 2001.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**: Poesia. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

NASIO, Juan David. **A dor de amar**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

NASIO, Juan David. **O Livro da Dor e do Amor**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.